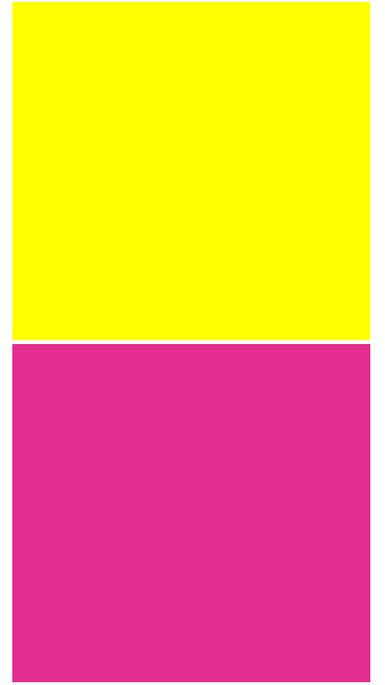


Alguns aspectos e limites do *Nuit Debout*



Frederico Lyra de Carvalho

Doutorando em Filosofia da Arte pela Université Lille Nord Paris

Este curto ensaio não se propõe a interpretar na sua totalidade o que foi o *Nuit debout* – um movimento político – se é que podemos chamá-lo assim – que ocorreu na França entre os dias 31 de março de 2016 e uma data indeterminada – e nem rememorar como o autor experimentou participar intensamente das primeiras e entusiasmadas noites até o seu final declinante¹. O objetivo aqui proposto será mais o de discutir alguns dos problemas e espasmos que surgiram na praça e o porquê deles parecerem interessantes para se pensar as lutas atuais e as que vem, especialmente, mas não apenas, no Brasil. Tentaremos também acentuar algumas das contradições particulares que surgiram na versão francesa dos movimentos de praça que emergiram por todo o mundo após a crise de 2008.

A primeira coisa importante é ter em mente que não foi o *Nuit debout* que inaugurou as lutas de 2016 na França, os secundaristas já estavam nas ruas antes. Além disso, muita coisa além do *Nuit debout* propriamente dito aconteceu. Na França, o movimento de praça não aconteceu apenas na praça. Ou mais do que isso, não foi na praça onde o que de mais interessante aconteceu. Foi, sobretudo a proposta de uma nova lei do trabalho que desencadeou este e os outros movimentos, lei que batizou a sequência que ficou conhecida como: “luta contra a lei *El Khomri*”. Como nos lembra Maria Kakogani, “nesta primavera, o que aconteceu na França, e onde o *Nuit debout* não passa de um componente, se inscreve imediatamente como prolongamento dessa sequência. É menos um início do que uma continuação”². É importante também ter em mente que a França estava sob vigência de um *Estado de Urgência* que havia sido decretado como uma reação legal ao atentado ocorrido no 13 de novembro de 2015 em Paris. Isto é, o *Nuit debout* e as manifestações contra a lei do trabalho ocorreram em um momento onde uma exceção formal da lei francesa estava em vigor.

PRAÇA

Começamos pelo fim. Embora a data precisa do fim do *Nuit debout* seja

¹Para uma detalhada análise crítica da experiência vivida na praça ver: MANIGLIER, Patrice. “Nuit debout une expérience de pensée”. In revue Les Temps Modernes, n°691, 2016/5. Paris, Gallimard, p. 199-259. E para uma análise mais detalhada dos fatos: ADOLPHE, Jean-Marc. *Nuit Debout et culture assoupie*. Paris, Léntretemps, 2016; BRUSTIER, Gaël. *#Nuit Debout*, Paris, Cerf, 2016 e CUKIER, Alexis & LASSERE, Davide Gallo. “Contre la loi travail et son monde. Autonomie et organisation dans le long mars français”. In revue Les Temps Modernes, n°691, 2016/5, Paris, Gallimard, p. 118-137. O autor publicou na época três artigos no site *Lavra Palavra* em torno do tema nos quais alguns dos temas aqui desenvolvidos foram tratados pela primeira vez: <https://lavrpalavra.com/2016/04/20/nuit-debout-de-pe-por-todas-as-noites/#more-3041>; <https://lavrpalavra.com/2016/06/09/quem-e-o-nuit-debout/>; <https://lavrpalavra.com/2016/08/31/havera-rentree-na-franca/>.

²KAKOGIANNI, Maria. “Révolution et Insomnies”, In revue Les Temps Modernes, n°691, 2016/5. Paris, Gallimard, p. 68. Todas as traduções são do autor.

indeterminada, ela, no entanto, pode ser situada entre a segunda metade do mês junho e o mês julho do mesmo ano, período no qual a ocupação da *Place de la République* em Paris aos pouco vai acabando e o movimento entra de *férias*. Como aqueles que ocupavam a praça entraram de férias, o movimento automaticamente entrou em um mesmo modo. Seria um sacrilégio profanar as sagradas férias de agosto com um movimento político. De sorte que, se por um lado em setembro, na famosa *rentrée* francesa, aqueles que ocupavam a praça voltaram normalmente para as suas aulas e trabalhos, o movimento, por outro lado, não voltou com eles. Aquela noite tinha acabado. Na França o ano se inicia duas vezes. Uma é passagem formal de um ano para o outro, isto é, na virada do 31 de dezembro para o 1 de janeiro. E a outra na *rentrée*, no início de setembro, que é de fato quando o ano se inicia. Ou seja, não é uma exclusividade nacional ser necessário iniciar o ano duas vezes. No Brasil o ano só começar depois do carnaval, lá depois das férias do meio do ano. Esta repetição do início do ano talvez seja mais compartilhada do que imaginemos. Uma diferença substancial, porém, é que o “carnaval” deles é menos animado que o nosso, ele esvazia a cidade em vez de preenchê-la. Ele não possui o sabor de um mundo de ponta cabeça, mas sim de um intervalo de descanso e turismo. A *rentrée* portanto, é uma reocupação de uma cidade que estava de certo modo esvaziada (ao menos de seus habitantes, pois ela está sempre repleta de turistas) e não a volta do uso comum da cidade após um uso distinto de um mesmo espaço como acontece com o carnaval. Na *rentrée* de 2016, a praça reapareceu, ainda por cima, modificada. Durante o verão, a prefeitura socialista de Paris havia transformado um dos espaços da praça de república, o local exato onde eram organizadas as assembleias das quais falaremos mais abaixo, em uma pista de skate. A praça desde então se encontra todos os dias repleta de skatistas. Nada como um lazer a mais para desocupar politicamente a praça.

Uma das primeiras iniciativas dos manifestantes foi a de tentar “exportar” o *Nuit Debout* para outras cidades do país – e até mesmo para fora da França. Este gesto não deu muito certo pois as tentativas que ocorreram em outras cidades de maior ou menor porte foram, de forma geral, obsoletas. Contudo, insisto no “de forma geral” pois há relatos de algumas noites bem sucedidas e sobretudo de alguns vilarejos que conseguiram articular a eleição de novos prefeitos e conselheiros municipais muito a partir dos seus respectivos *Nuit debout*³. Isto é, a correlação de força criada nas praças de algumas pequenas vilas foi suficiente para ao menos alterar de forma concreta a vida institucional das mesmas. Não foi o caso em Paris. Ou até foi, pois a comemoração do primeiro aniversário do

³Escutei um relato sobre isso na praça da República por ocasião das comemorações de um ano da ocupação.

movimento foi organizada com apoio da prefeitura de Paris⁴. Por muito pouco ele não entrou no calendário oficial da cidade.

Embora o movimento tenha desde o primeiro dia adotado um novo calendário, ele não conseguiu propor ou até mesmo impor uma temporalidade nova. Aqueles 32, 33, 34, 35... de março, aquele mês de março que não deveria acabar, que se propunha de vir-a-ser um mês *ad infinitum* de fato acabou com a chegada das férias. Seja pelo simples fato das férias terem chegado, por cansaço ou por uma outra razão qualquer, quando o movimento se esgotou, ele levou junto com ele aquele longo terceiro mês de 2016. A proposta de um novo calendário aonde os dias passavam mas não o mês, o que nos faz supor que os anos também não passariam e que desta forma ainda estaríamos em algum dia daquele mesmo mês e ano, não se sustentou para muito além do dia 100 de março de 2016. Não está muito claro, porém, qual foi o último dia daquele março. Por outro lado, este também foi um período marcante por vários outros fatores. Entre outros, “neste mês de março de 2016, a boneca Barbie foi objeto, pela primeira vez, de um convite em uma instituição de museu francesa”⁵. O “espetáculo”⁶ não podia parar. Os tempos são efetivamente outros. Se por um lado, o *Nuit debout* conseguiu inventar um novo calendário onde apenas a unidade fundamental mudava – o dia – ele, por outro lado, não conseguiu mudar a *temporalidade* dos seus participantes⁷. Estes continuaram subsumidos à mesma temporalidade na qual estavam inseridos antes da aparição do movimento. Terem saído de férias em vez de continuar a luta durante aquele período previamente decidido pelo Estado francês como sendo o período de férias demonstrava que o tempo do movimento e daqueles que nele estavam engajados no fundo ainda era o tempo determinado pelo Estado. A mudança para um novo calendário havia sido apenas formal. No fundo, embora um gesto bastante interessante e de certa maneira novo, havia sido apenas um ato performático sem um conteúdo determinado. Era apenas um gesto formal. Ao que parece, a maioria não havia de fato tentado sair, mesmo que por um breve instante, daquele tempo e impô-lo para fora da praça. Não é obviamente um problema fácil. Na realidade sobrepor uma nova temporalidade à existente talvez seja um dos problemas centrais de qualquer luta que se coloque contra o sistema capitalista e os

⁴O jornal Le Monde, entre outros, fez uma reportagem comemorando o aniversário do *Nuit debout*: https://www.lemonde.fr/politique/article/2017/04/02/a-paris-nuit-debout-a-l-heure-de-la-presidentielle_5104782_823448.html

⁵KAKOGIANNI, Maria. “Révolution et Insomnies”, In revue Les Temps Modernes, n°691, 2016/5. Paris, Gallimard, p. 70

⁶Cf: DEBORD, Guy. *La société du Spetacle*. Paris, Gallimard, 1967/1992.

⁷Não é outro o problema apontado por Walter Benjamin na sua Tese XV sobre o conceito de história... Cf: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo, Boitempo, 2005.

Estados que lhe dão sustentação. Especialmente se tivermos em mente as não tão velhas teorias que demonstram que a produção do *valor* é determinada pela quantidade de trabalho abstrato, medida pelo tempo social necessário para a produção de mercadorias através de um trabalho concreto. Tempo este que é ao mesmo tempo abstrato e concreto. Tendo isso em mente, a reapropriação do tempo se torna na realidade a questão fundamental do sistema capitalista⁸.

Dessa constatação decorrem pelo menos duas questões fundamentais para se pensar o que foi o *Nuit debout*: teria ele sido realmente um movimento antissistema que se colocava contra o Estado francês? Existiu a possibilidade concreta de uma outra temporalidade emergir durante aquela primavera?

ESTADO

Talvez seja um pouco frustrante constatar isto retrospectivamente, mas, no fundo, parece que o *Nuit debout* deve ser visto como tendo sido um movimento que encarnou o paradoxo de ao mesmo tempo se colocar contra a situação política vigente na França e de pedir por algo a mais desta mesma situação. Dito de outro modo, era como se aqueles jovens, pois a maioria absoluta daqueles que ocuparam a praça eram jovens, estivessem pedindo *mais* daquele antigo Estado providência que parece estar pouco a pouco definhando⁹. Estado que lhes aparece cada vez mais quase que como uma miragem pois, por serem na maioria jovens, poucos dentre os que ocupavam a praça o conheceram de forma concreta. Eles obviamente pediam mais apenas da parte, digamos, “boa” daquele velho Estado. Como se o pleno emprego e todos os programas e políticas sociais dos assim chamados “30 anos gloriosos”¹⁰ não estivessem intimamente ligados a vários fatores históricos internos e externos (mas não tão externos assim) ao país. Fatores estes que vão desde a maneira com que a burguesia francesa saiu desmoralizada após ter colaborado com os invasores durante a II Guerra Mundial, passa pela maneira com que o país se inseriu na Guerra Fria, chega à decomposição do Império francês passando pelo forte movimento operário e pelo Partido Comunista que naquela época era forte e representativo¹¹. Isto é, a possibilidade de um estado de bem-estar-social dependia de uma

⁸Cf: MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo, Boitempo, 2011.

⁹Cf: DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. *Ce cauchemar qui n'en finit pas. Comment le néolibéralisme défait la démocratie*. Paris, La Découverte, 2016.

¹⁰Para dois pontos de vista antagônicos sobre esse período que vai mais ou menos de 1945 até 1974, o primeiro apologista e o segundo crítico, ver: FOURASTIÉ, Jean. *Les trente glorieuses*. Paris, Fayard, 2011 e LEJEUNE, Dominique. *La France des trente glorieuses*. Paris, Armand Colin, 2015.

¹¹Já faz um certo tempo que Anselm Jappe estende esse diagnóstico para boa parte da esquerda francesa. Por este ângulo podemos ver que o desejo anacrônico que surgiu na praça não era de todo uma novidade: “Os anticapitalistas-antiliberais propõem simplesmente um retorno ao capitalismo “social” dos anos 1960

configuração histórica que não existe mais Talvez o *Nuit debout* tenha no fundo sido um pedido para uma volta a um tempo que não existe mais e que muito pelo fato de nenhuma das condições acima referidas continuar existindo (ao menos daquela mesma forma) ser um tempo que não pode mais voltar. Talvez tenha sido essencialmente um grito dado na Praça da República por mais governo e proteção da República. Se por um lado, não deixa de ser verdade que haviam muitas outras vozes ecoando na praça, por outro lado, uma parte considerável do excesso de vozes que ali ecoava foi incorporada numa forma tradicional que de certa maneira parecia ir na contramão do que se anunciava, mas que no fundo era uma convergência mais do que previsível.

Não podemos diminuir o fato de que dois dos principais consensos surgidos na praça foram a ideia de que era necessário uma nova constituinte e até mesmo a ideia de uma refundação da República. Dois demandas que a candidatura de Jean-Luc Mélenchon ao cargo de presidente da república na eleição de 2017 e o seu movimento *La France Insoumise* encarnaram bem¹². Eram duas demandas *citoyennes*, não apontavam para fora do quadro preestabelecido no qual se encontravam. Assim como na Espanha com o Podemos e na Grécia com o Syriza, parte do que foi imaginado foi na sequência absorvido em um outro movimento ou partido comum. Uma diferença substancial porém é que no caso francês isso ocorreu em um país do centro da união europeia e do sistema capitalista, e não da periferia da Europa como são estes outros. Não é a toda que, embora entoasse *A Internacional* nos seus comícios, as cores da campanha de Mélenchon eram o azul, branco e vermelho de preferência com todos os militantes empunhando a bandeira tricolor nos comícios. Ou seja, assistimos ao surgimento de um gênero novo de internacionalismo-nacional em uma situação de crise geral do sistema capitalista. Uma das principais pautas de Mélenchon era o pedido de uma refundação nacional que tomaria a forma de uma VI^a República¹³. A candidatura de Emmanuel Macron nesta mesma eleição, levada a cabo por um outro movimento, *La République en Marche*, pode ser visto ao mesmo tempo como reação ao que ocorreu na praça e como uma absorção conservadora de alguns dos que a

(independentemente idealizado, é óbvio), ao pleno emprego e aos salários elevados, ao Estado social e à escola como “elevador social”; alguns bem que gostariam de acrescentar um pouco de ecologia, de voluntariado ou de “setores sem fins lucrativos”. “Crédito à Morte”, in *Crédito à Morte*. São Paulo, Hedra, 2013, p. 42

¹²Vale conferir o site do movimento: <https://lafranceinsoumise.fr/>

¹³Um dos momentos marcantes da campanha presidencial foi o grande comício do candidato no dia 18 de março de 2017, praticamente um ano depois do início do *Nuit debout*, na mesma *Place de la République*. Como se sabe o 18 de março é o dia em que é comemorado o início da Comuna de Paris. A associação *Les amies et amis de la Commune de Paris* festeja a data todos os anos com uma marcha em diferentes lugares da cidade. Neste ano de 2017 a meta era encerrá-la na *Place*, objetivo que não pode ser cumprido devido à logística que estava sendo instalada para o comício de Mélenchon. Os amigos dos *communards* tiveram então que encerrar o seu breve ato de memória e homenagens em uma praça ao lado cujo nome homenageia o compositor Johan-Strauss.

ocuparam¹⁴. No entanto, não aprofundaremos essa discussão aqui.

No fundo, a visão que predominava na praça era restrita ao próprio país, podemos supor que no fundo havia quase que um desejo secreto e perverso de recolocar a França em um lugar do qual ela supostamente nunca deveria ter saído. Havia um uso mesmo que inconsciente e automático do vocabulário “cidadão” francês. Isto é, era majoritariamente através do uso contínuo do vocabulário oficial que as ideias se exprimiam. O que, ao menos em um primeiro momento, impunha um limite ao pensamento e expunha a dificuldade de achar uma saída que não seja o uso de um vocabulário já normatizado. A França é o “país onde mesmo a Revolução se tornou uma instituição”¹⁵, diz o Comitê Invisível. Aquilo que já é conhecido é o que tende a tomar forma. Um outro aspecto acentuava ainda mais esse descompasso. Não podemos não levar em conta a ausência de negros, árabes e da população em geral dos *banlieus* parisienses na ocupação da praça¹⁶. E essa é justamente aquela população que ainda sente com toda força a presença da República, embora em uma direção contrária àquela demandada na praça. Por esse ângulo, e tendo em mente que a França é uma sociedade dividida¹⁷, talvez não seja tão absurdo assim imaginar que o grito que ecoava mais alto era por mais daquele Estado¹⁸. Como bem observou Jacques Rancière, o “Nuit debout talvez pudesse ter sido uma intervenção inusitada no domínio das instituições, por exemplo uma campanha pela não-presidência. Quer dizer sair do dilema: ou continuamos inutilmente fiel à pureza “horizontal” de um movimento de ocupação ou nos enrolamos em um partido da “esquerda da esquerda” por razões de eficácia”¹⁹. Ou ainda, em um diagnóstico mais amplo:

“os movimentos de praça que foram, nestes últimos anos, as mais

¹⁴Cf. BADIOU, Alain. *Éloge de la politique*. Paris, Flammarion, 2017.

¹⁵COMITÉ INVISIBLE. *Maintenant*. Paris, La Fabrique, 2017, p. 68.

¹⁶Como um sintoma do que é de fato essa ausência, podemos observar a dura luta, em muitos momentos solitária, que Assa Traoré tem engajado desde o assassinato do seu irmão, o jovem negro Adama Traoré no dia 19 de julho de 2016. Crime que ocorreu dentro de uma delegacia na cidade vizinha de Persan. Entre outros fatos, desde então os seus outros irmãos Samba, Bagui e Yssoufe Traoré foram presos ou condenados sob alegações diversas. Esta luta que tem como palco principal a cidade de Beaumont-sur-Oise, localizada na periferia de Paris, escancara de forma quase que escolar as fraturas e mal-estar que atravessam a esquerda oficial (que pouco se engaja nesta luta), o sistema judiciário, a polícia entre tantos outros atores e dispositivos da sociedade francesa.

¹⁷Como foi muito bem demonstrado por exemplo por Paulo Arantes no seu ensaio: “Alarme de Incêndio no Gueto Francês”, in *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo, Boitempo, 2014, p. 199-278.

¹⁸Por outro lado não deixa de ser interessante ter em mente que para Paulo Arantes, Junho de 2013 foi muita coisa, “foi sim por vinte centavos, mas não por Mais Estado!”. “Depois de junho a paz será total”, in *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo, Boitempo, 2014, p. 415.

¹⁹RANCIÈRE, Jacques. *En quel temps vivons-nous?* Paris, La Fabrique, 2017. p. 66.

vigorosas afirmações democráticas não conseguiram desembocar na criação de outros movimentos políticos autônomos em relação às agendas estatais. A sua herança por vezes se dissipou mas ela foi também captada por partidos da "esquerda da esquerda" que jogam o jogo dos programas eleitorais e de alianças e negociações como o Podemos ou Syriza. A energia do Occupy Wall Street sustentou a campanha de Sanders que finalmente só teve como escolha suportar Hillary Clinton"²⁰.

Jacques Rancière e o Comité Invisível parecem convergir na crítica daquele que teria sido um dos principais problemas do *Nuit debout*: o puro formalismo que tomou de assalto as deliberações em assembleia. Estas teriam no limite se tornado reproduções ao ar livre de formas institucionais já pré-estabelecidas. A ideia de igualdade surgia essencialmente pelo simples fato do povo ter um tempo igual para fala. Dois minutos de fala rigorosamente cronometrados era o que assegurava que não haveria desigualdade entre os ocupantes. Era como se o *Nuit debout* mimetizasse na praça de maneira caricatural algumas das instituições que dão sustentabilidade à república. Um pouco à maneira de um debate televisivo de campanha eleitoral, era a divisão equivalente do tempo que testemunharia a imanência da existência de algo de igualitário naquela luta: precisamente dois minutos, nem mais nem menos. Todos se sucediam expressando o que achavam, não havia discussão, nem trocas, nem debate. Apenas uma pura sucessão de falas. Em pouco instantes se transitava da Guerra da Síria para o aquecimento global, de como era bom estar ali para a centralidade da luta de classes, do fim desta luta à defesa das árvores, do aquecimento global se passava à invasão dos Illuminatis, da necessidade de uma nova revolução às pautas identitárias, depois chegávamos às pautas não-identitárias, e assim por diante em uma fragmentação infinita de todos os assuntos possíveis e imaginários. Seguindo o modelo de uma rede-social, eram as opiniões e não as ideias que circulavam. As velhas e não tão velhas opiniões sobre tudo. Provavelmente, para que algo de fato emergisse "teria que ter tido efetivamente *discussões*. Ora não *nos* falávamos; falávamos uns após os outros"²¹. "A centralidade da forma-assembleia mostrou ao mesmo tempo a potência de um desejo de comunidade e de igualdade mais também a maneira com que esse desejo se inibe a si mesmo e se fecha na sua própria

²⁰*Idem.* p. 10.

²¹COMITÉ INVISIBLE. *Op; cit.* p. 54.

imagem, na encenação da felicidade de estar junto”²². O “*Nuit debout* se aparentou finalmente a um parlamento imaginário, um tipo de órgão legislativo privado de executivo, e portanto uma manifestação pública de impotência bem feita para mídias e governantes”²³.

A micro-burocracia que sustentava *Nuit debout* em Paris, e que era literalmente uma *burocracia do micro*, estava presa nesta situação desconfortável que ela só poderia desenrolar as suas estratégias verticais escondida por detrás do espetáculo *da horizontalidade* dado a cada dia às 18h pela assembleia soberana do vazio que acontecia lá, com as figuras que mudavam. E por isso, no fundo, o que era dito era indiferente, e primeiramente aos seus organizadores mesmos ²⁴

Passado o entusiasmo inicial, eles logo se viram face a uma repetição formal vazia de conteúdo e de sentido onde, como disse um participante: “nos estávamos aqui para nos encontrar; a regra nos separava”²⁵. Eles não haviam percebido que essa repartição do tempo em partes iguais é ela mesma abstrata, como era no fundo a igualdade que achavam que estavam construindo na praça. Isso também testemunha a dificuldade da emergência de novas ideias nessas lutas, e que elas restam presas a formas do passado, ou ao menos excessivamente no presente, de onde por outro lado elas não podem sair. Também a praça se constituía sob a dominação do abstrato sobre o concreto, como poderiam observar,

²²RANCIÈRE, Jacques. *Op. Cit.* p. 28. No final deste livro Jacques Rancière sugere a ideia de “oasis” como possíveis “espaços de liberdade ‘no meio’ do deserto, exceto que o “deserto” não é o vazio mais o demasiado cheio de consenso” (*idem.* p. 72). No entanto, evocar um oasis em relação a um deserto como saída ou alternativa só parece ser possível em um país onde esses ecossistemas não existem. É uma figura que não figura nada. Em locais onde a norma e vínculo social é o excesso de violência esta não parece ser uma alternativa possível. Basta pensar em *Canudos* ou nos *Zapatistas* que mostraram que para se ocupar um “oasis” popular em um verdadeiro deserto deve-se estar preparado para as mais extremas consequências face à *polícia*. Isto não parece ser visto por Rancière que parece ter esquecido do século XIX na França e que desta forma recai em um vazio ao terminar o livro dizendo que é apenas “a palavra que mantém hoje em dia aberta a possibilidade de um outro mundo” (*idem.* p. 73). Mas quem vai enunciá-la? Quem vai ouvi-la? Por outro lado, é verdade que as classes dominantes já habitam há muito tempo os seus próprios “oasis” geralmente na forma de condomínios de luxo espalhados pelo mundo afora.

²³COMITÉ INVISIBLE. *Op. Cit.* p. 53.

²⁴*Idem.* p. 54.

²⁵*Ibidem.*

entre outros, Adorno²⁶ ou Anselm Jappe²⁷.

RUA

Deve-se contudo conectar o *Nuit Debout* a um movimento maior, que tomou a forma mais tradicional de manifestações de rua e que contou com participação de toda a galáxia tradicional de partidos, sindicatos e movimentos que existem na França – mas não apenas estes, a rua transbordou. Isto é, como dito mais acima, não podemos negligenciar o fato de que o *Nuit debout* surge como uma reação a uma proposta para uma nova lei do trabalho que, tomando emprestado o nome da ministra do trabalho da época, ficou conhecida como a *Loi El-Khomri*. E esta reação tomou formas diversas para além da ocupação da *Place de la République*. Embora tenha sido o fato pelo qual as lutas da primavera ficaram mais conhecidas, diferentemente de outros lugares, não foi na praça que o que de mais original nem significativo surgiu. Por exemplo, durante a primavera de 2016, fato raro, conseguiu-se em alguns momentos – especialmente na grande manifestação do 14 de junho – que a manifestação impusesse o seu próprio caminho em detrimento daquele que fora originalmente determinado pela prefeitura de polícia como é de praxe na França. O *Nuit Debout* foi ao mesmo tempo parte de uma constelação de lutas muito mais abrangente que tinham um objetivo específico, a luta contra a lei que estava para ser votada, mas que também estava em excesso a essas lutas muito pelo fato de muitas outras coisas terem surgido na praça, e nas ruas. Essa luta tinha como pano de fundo um diagnóstico não plenamente articulado: “ela ao mesmo tempo atestou e ocultou o fato que, se o trabalho faz ainda objeto de luta e princípio de comunidade, ele não faz mais mundo”²⁸. “A famosa “lei do trabalho”, diz Rancière, era uma declaração de expiração definitiva do trabalho como mundo comum”²⁹. Por outro lado, é bem verdade que isso não nos soa como uma enorme novidade pois como Roberto Schwarz observou há muito tempo, boa parte dos segredos do capitalismo são revelados antes na periferia que no centro do sistema³⁰.

A principal expressão e novidade dessas manifestações de rua foi o surgimento do

²⁶Quando este fala por exemplo que a mediação dialética entre o todo e o particular é uma mediação de conteúdo, “mas ela também é formal em virtude do caráter abstrato que regula a própria totalidade”. *Dialética negativa*, São Paulo, Zahar, p. 48.

²⁷“A sociedade da mercadoria é a primeira sociedade onde a ligação social se torna abstrata, separada do resto, e onde esta abração, enquanto abstração, se torna uma realidade”. *Les aventures de la marchandise*. Paris, La Decouverte, 2017, p. 68. Vale destacar que Anselm Jappe compareceu no *Nuit debout* para dar uma aula aberta sobre a crítica do valor e o fetichismo da mercadoria.

²⁸RANCIÈRE, Jacques. *Op. Cit.* p. 22

²⁹*Idem.* p. 21

³⁰Cf. SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”, in *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Editora 34, 2000.

que ficou conhecido como sendo o *cortège de tête*, uma espécie de bloco de carnaval *black block* que desde então assumiu o papel de abre-alas das manifestações no país. “O *cortège de tête* se fez como receptáculo da fragmentação geral”³¹ que atravessa a sociedade francesa. O significado, os impasses e as práticas do *cortège* mereceriam por si só uma reflexão a parte, mas nos concentraremos em alguns outros aspectos. Se por um lado a sua aparição decorre do já antigo movimento *black block*, o deslocamento que se fez desde a primavera de 2016 com esse cortejo assumindo a frente da maioria das manifestações em um local com uma longa história e tradições bem precisas de luta política, parece implicar uma mudança de conjuntura nesse país. Talvez sinalize o fim de uma longa era, o fim de uma certa forma de luta. Se o mundo do trabalho realmente está com os seus dias contados, novas formas ou os limites “disformes”³² ou “informais”³³ dessas vão inevitavelmente surgir. Não por acaso esta aparição se dá mesmo tempo em que se acentuam as fragmentações das centrais sindicais mais tradicionais, como a CGT, além da crescente irrelevância do Partido Comunista e do esfacelamento do Partido Socialista. Por um lado, é difícil afirmar que o cortejo de abre-alas seja definitivamente a nova forma que as lutas vão assumir. Por enquanto ele parece mais como a demonstração concreta de que algo tenha se encerrado³⁴. Por outro lado, talvez estacionar neste limiar seja exatamente a novidade da época.

Por mais paradoxal que em um primeiro momento possa ser, a herança do *Nuit debout* só é reivindicada por uma parcela não hegemônica daqueles que participaram do movimento. Por um lado, ele não se enquadrava na maneira de funcionamento dos movimentos e partidos mais tradicionais, por outro lado, não era suficientemente radical para os que compunham o *cortège de tête*. Parecem não serem numerosos os que reivindicam terem pertencido ao mesmo tempo às manifestações de rua e à ocupação. Sob um ângulo mais subjetivo o *Nuit debout* não pode mais ser visto como o eixo principal e se torna apenas uma das expressões da luta contra a lei do trabalho. Isto é, havia um descompasso entre a forma da ocupação de praça e as demandas que ali surgiram, e a forma e demandas das ruas. Se o *Nuit debout* foi uma expressão sobretudo parisiense, as “manifestações selvagens”, como lá são conhecidas as manifestações que saem das linhas pré-estabelecidas, tomaram todo o país – Nantes, Le Havre, Rennes, Toulouse, por

³¹COMITÉ INVISIBLE. *Op. Cit.* p. 30.

³²SZANIECKI, Barbara. *Outros monstros possíveis; disporme contemporâneo e design encarnado*. São Paulo, AnnaBlume, 2014.

³³Cf: “Vers une musique informelle”, in *Quasi una Fantasia*, GS 16. Frankfurt, Suhrkamp, 2000, p. 493-540.

³⁴Nas manifestações do 1º de Maio de 2018 haviam, segundo os cálculos oficiais, 1200 *black blocks*, 14500 “independentes” e 20mil no cortejo sindical, uma proporção inimaginável há três anos.

exemplo, foram algumas das cidades onde várias coisas interessantes aconteceram. Estas lutas, assim como Junho 2013, foram de fato nacionais.

QUASE-CONVERGÊNCIA

É nessa encruzilhada que parece ter se anunciado uma possibilidade de abertura para uma outra temporalidade que ameaçou emergir, mas que no entanto, não se configurou como prometido. E pelo fato *Nuit Debout* ter essencialmente ocorrido apenas em Paris, ela só poderia ter tomado forma nesta cidade. Nos dias de manifestação o que fazia, após o término desta, uma parte significativa dos que dela haviam participado? Para onde iam para de certa forma continuar? Eles se juntavam àqueles que ocupavam a *Place de la République* para dar corpo ao *Nuit debout*. Parte daqueles que compunham a *manifestação*, forma política em *movimento*, que marchava pelos quatro cantos da cidade ao final se agregava a outros corpos em uma *ocupação*, forma política *imóvel*, naquela praça da república. Como bem disse o Comité Invisível, o *Nuit debout*

“foi um ponto de convergência e um ponto de partida para todo tipo de ação de ruptura. Foi o local de belos encontros, de todo tipo de conversação informal, reencontros após as manifestações Oferecendo uma continuidade entre as datas de manifestação salteadas que tem tanta afeição das centrais sindicais, *Nuit debout* permitiu ao conflito desencadeado pela lei do Trabalho de ser toda uma outra coisa, e bem mais que um clássico ”movimento social”. *Nuit debout* permitiu de frustrar a operação governamental banal que consiste em reduzir os seus oponentes à impotência lhe opondo entre si, entre “violentos” e “não violentos”³⁵

Podemos dizer que por um curto período esta articulação entre duas temporalidades de luta tomou uma forma concreta. Ou ameaçou tomar; ficou no limiar. Uma acontecia depois da outra, mas não era como uma simples sequência, nem havia um predomínio de uma sobre a outra. Se parece claro que elas não eram excludentes, elas também não parecem ser objeto de uma fácil síntese. Talvez haja uma tensão constitutiva quando estas duas formas distintas de luta surgem de forma simultânea e com pesos estratégicos semelhantes em um mesmo local. Eram duas formas diferentes que estavam

³⁵COMITÉ INVISIBLE. *Op. Cit.* p. 52

em uma contradição permanente, e como não houve convergência de fato, após o fim dos acontecimentos é como se tivessem sido duas coisas completamente separadas. A síntese possível foi negada e a rua e a praça aparecem assim disjuntas. Por mais que um dos principais lemas que ecoaram nas ruas e praças fosse por uma convergência de lutas, ele no fundo não passou da expressão de uma vontade que não se concretizou. E ter apenas ameaçado e não se constituído plenamente talvez se deva muito pelo fato de poucos serem aqueles que, embora tenham participado de ambos os momentos, se assumem como herdeiros ao mesmo tempo das manifestações e das ocupações. Tendo isto em mente, não podemos esquecer que boa parte das mais importantes lutas que aconteceram recentemente pelo mundo afora foram lutas essencialmente de ocupação de praças. Ou onde a praça predominava sobre a rua. Uma das particularidade do Junho de 2013 brasileiro é foi ele foi uma luta essencialmente de manifestações de rua. Talvez a novidade da primavera de 2016 em Paris foi ter conseguido dar forma e peso simultâneo à rua e à praça e em alguns momentos articular as duas formas e as duas temporalidades que elas impõem: manifestar-movimentar-ocupar-immobilizar. Por alguns instantes prefigurou-se esta articulação. Se é verdade que ela ficou muito aquém do que prometia e não conseguiu ir até o limite das suas possibilidades, ela talvez acenda uma luz para lutas futuras. É importante sublinhar mais uma vez que não havia uma primazia de uma forma sobre a outra, não se pode dizer que uma era a continuação automática ou que uma era decorrência lógica da outra e, sobretudo, uma não se fundia na outra. Uma simultaneidade não-equivalente e uma disjunção negativa entre a praça e a rua é o que constitui essa sequência. Podemos imaginar que caso estas temporalidades tivessem sido efetivamente articuladas o *Nuit debout* e as manifestações contra a lei *El-Khomri* não teriam saído de férias³⁶.

ORQUESTRA DEBOUT

Por fim, em uma espécie de *coda*, gostaria de sublinhar apenas mais um ponto, uma curiosa expressão artística que tomou forma na Praça da República. Essa inusitada expressão artística foi a *Orquestra Debout*. Não foi uma rave, nem um show de rock ou de rap, ou um desafio de *slam*, mas sim uma orquestra sinfônica a principal expressão

³⁶Não podemos, no entanto, esquecer que o aparelho repressivo do Estado francês não agiu no limiar do que imaginamos que teria sido possível em um Estado de Urgência no qual estava sob efeito. Se é verdade que a violência da repressão foi aumentando ao longo dos meses, ela resta desproporcional em relação a que ocorre no Brasil, por exemplo. Por outro lado, se também é verdade que isso tornaria a análise demasiadamente especulativa, ter isso em mente coloca uma série de outras questões sob, entre outras coisas, os limites materiais das lutas políticas atuais. Pois o aparelho repressivo está longe de mostrar todas as suas cartas.

artística que surgiu naquela praça³⁷. Foram os improvisados concertos sinfônicos no espaço aberto da praça que expressaram melhor o que ali estava se tentando criar. Sob um certo ponto de vista, fazer apelo à forma da orquestra sinfônica também parece encarnar o mesmo paradoxo do tempo do estado providência que não voltará mais. A música sinfônica é uma música que atualmente sobrevive essencialmente do apoio e financiamento estatal e privado que recebe. Diferente de outros gêneros, ela não se paga e na sua maior parte ela não sobreviveria em um “mercado livre”. Ela não é economicamente viável sem ser ao menos parcialmente, quando não totalmente, subsidiada. É uma música que vende pouco, que não está nas “paradas de sucesso”, que não cria “hits-parades”, que não vira videoclipe, que não consegue mais encarnar modas ou atitudes de qualquer tipo, nem muito menos representar as formas de vida contemporâneas. É uma música que não é mais *cool*. No fundo é quase que uma forma musical do passado. Embora ainda exista uma boa criação, ela não é mais contemporânea. Toda essa tradição é dissonante do tempo presente. E, Paradoxalmente, esta talvez seja a sua maior força. Sobretudo pois se seguirmos algumas das observações do jovem Adorno, podemos dizer que ela se encontra em crise continua desde pelo menos o final da primeira guerra mundial. Desde então ela está em excesso em relação à indústria cultural pois, embora nunca tenha deixado de participar do jogo, é desde então um nicho. O fato de serem muito poucos os solistas, maestros e compositores cujo nomes são conhecidos do grande público atesta isso. E o fato de muito dela sobreviver parasitando uma outra forma de arte, que por sua vez surgiu com o desenvolvimento da indústria cultural, a saber, o cinema, tem lhe garantido um fôlego extra. Por sua exigência de escuta e dificuldade de concessões, ela, de forma geral e por mais contraditório que isso possa intuitivamente parecer, escapa à lógica do mercado. A sua continua sobrevida é, no limite, uma distorção deste. Ao mesmo tempo, a sua manifestação sinfônica tem se tornado mais e mais quase que totalmente inviável devido às exigências que pressupõe. Se quisermos exagerar um pouco poderíamos até mesmo dizer que ela é de certa forma mais periférica que outras manifestações musicais que são comumente assim denominadas. Ela em si mesma, e não pelo que ela encarna ou representa, parece ser mais anti-sistêmica do que outras expressões musicais que talvez surjam de imediato na nossa mente. Ela talvez aponte ao mesmo tempo para fora deste mundo e para um passado que não existe mais. Ela exige uma escuta que a maior parte daqueles que estavam na praça não exercem cotidianamente. A música erudita exige um outro tempo. E foi essa música a que melhor

³⁷O que é bastante inesperado pois, na França, o rap é a música mais escutada entre os mais jovens: <http://www.actujeunes.fr/quel-genre-de-musique-les-jeunes-francais-ecoutent-ils-aujourd'hui/>

expressou o que foi o *Nuit Debout*³⁸.

A Orquestra Debout era uma orquestra que misturava músicos amadores com músicos profissionais, todos que se dispusessem poderiam participar, bastava tocar razoavelmente o instrumento com o qual se propunha de integrar a formação. Os regentes, por outro lado, eram profissionais ou estudantes que se ofereciam para reger uma ou diversas das obras que integrariam o concerto. As partituras eram enviadas por e-mail e havia apenas um ensaio geral à tarde do mesmo dia do concerto. Se é verdade que esta indeterminação do nível técnico dos músicos limitou bastante a possibilidade de repertório à ser executado, é também verdade que ela inconscientemente e paradoxalmente emulava a maneira com que esta mistura de nível técnico musical ocorre, por exemplo, nos grupos de música ligadas a ritos religiosos da tradição Yoruba (seja na África, no Brasil, em Cuba ou no Haiti). É prática comum que na execução das músicas dessa tradição, músicos de níveis e idades diferentes se misturem e toquem juntos. Esta mistura entre diferentes níveis e energias musicais constitui a tradição mesma. Além disso, o aprendizado e transmissão destas músicas se dá essencialmente desta maneira, pois é através da experiência que um músico iniciante tem de poder tocar com um outro mais experimentado que ele se desenvolve e que a música evolui. É uma evolução, por assim dizer, orgânica e não-linear. Onde o aprendizado e performance se misturam. Ou seja, não obstante limitar o repertório, um outro tipo de energia coletiva musical deu as caras nestas performances orquestrais. Uma energia que não é mais comumente encontrada nessa tradição musical. Subvertendo toda uma tradição de estudos lineares, a *Orquestra Debout* deu um sinal de que uma outra maneira de se viver e criar essa música talvez seja possível. Havia uma energia coletiva que de certa forma apontava para além da que usualmente se expressa nesta formação.

Vale insistir na ideia de que, contra-intuitivamente, uma orquestra é uma formação musical que, assim como um coral de vozes, pode ser percebida como uma das mais igualitárias de todas as existentes. É uma formação onde cada participante, inclusive o regente, é, ao menos a priori, anônimo e necessário, além de possuir um peso estritamente igual para que a música aconteça³⁹. É a lógica da indústria cultural que torna o nome do regente mais importante do que o dos músicos⁴⁰. Se a sua função é de fato

³⁸E isso também se dá pelo fato dela ela logo também ter sido recuperada e se tornado mais uma associação entre tantas outras: https://www.francetvinfo.fr/societe/nuite-debout/videos-l-orchestre-debout-fete-le-premier-anniversaire-de-nuit-debout_2127601.html

³⁹Cf. ADORNO, T. W. “Regente e orquestra – Aspectos sociopsicológicos” in *Introdução à Sociologia da música*. São Paulo, Unesp, 2009.

⁴⁰O caso dos solistas é semelhante ao do regente. Embora parte do repertório seja dedicado a um solista, e este inevitavelmente ganhe destaque durante a execução de determinada obra, ele é a priori um músico

necessária, o nome do indivíduo que rege se sobrepõe aos demais não o é. Além disso, mesmo que alguns dos músicos só toquem uma única nota durante todo um concerto, aquela simples nota é um som fundamental para o desenrolar daquela composição. Em uma obra com trinta minutos de duração, não se pode medir a importância da presença de um instrumento por ele ter tocado em vinte desses trinta minutos, um outro em apenas três minutos e um terceiro apenas duas notas. Todos têm presença fundamental e determinante para aquela obra. Ao menos nesse aspecto, não há medida de equivalência possível. Uma rigorosa análise estética e social deve, neste caso, levar em conta as dimensões qualitativas do conteúdo musical expresso, os detalhes, a quantidade é aqui é menos relevante e pouco significa além do fato de que, no todo que é a obra, duas ou mil notas são, de certa forma, igualmente necessárias.

Alguns dirão, no entanto, que se trata de uma formação essencialmente europeia ou eurocêntrica e que desta forma ela não poderia representar um movimento emancipatório ou algo do tipo. O que não deixa de ser verdade. No entanto, como foi dito mais acima, a ausência de negros e árabes se fez presente naquela praça no centro da cidade de Paris. Por outro lado, gostaria de insistir que em uma praça de maioria jovem e branca, ter surgido uma Orquestra, e não outra forma, é algo que dificilmente poderia ter sido previsto de antemão. No meio das várias demandas anacrônicas e calcadas em um passado que parece definitivamente acabado, não deixa de ser curioso que o que tenha emergido tenha sido uma expressão artística que é de certa forma também anacrônica, mas que parece apontar, porém, para uma outra direção. Esta aparição anacrônica divergia até mesmo do seu passado. Em um momento em que a sobrevivência desta longa tradição secular musical, que é a forma da música orquestral, depende diretamente mais e mais dos subsídios estatais e privados, não deixa de ter sido um acontecimento bastante instigante a demonstração concreta que foi feita na praça de que, com todas as limitações e obstáculos imagináveis para que a música ocorresse (que iam desde o nível técnico assimétrico dos músicos, passando pelo desconforto da falta da estrutura para bem executar aquela música, da logística precária, da ausência de tratamento acústico que ajudaria no entendimento da obra, até chegar aos diversos sons ao redor da cidade Paris que não pararam para escutá-la), é possível que ela exista ao mesmo tempo fora do estado e fora do âmbito privado, isto é, que ela possa ter vida em um mundo fora do domínio capital.

qualquer que possui uma capacidade técnica e expressiva altamente desenvolvida em um dado instrumento. Ou seja, um grande pianista é no fundo um grande pianista.

POST SCRIPTUM

Muitos dos *limites* aqui expostos e discutidos foram postos por água abaixo com a aparição totalmente inesperada do movimento dos *Gilets Jaunes* que teve início no dia 17 de novembro de 2018. No dia 01 de dezembro os coletes amarelos conseguiram causar a maior desordem que Paris viveu desde Maio de 1968. Por um dia ao menos a cidade e de certa forma a França inteira ficou desgovernada. O que obrigou a cidade a se esconder no dia 08 de dezembro, na semana seguinte, e o governo a praticamente empregar o limite das suas forças policiais para controlar a totalidade do território nacional.

O *Gilets Jaunes* é uma profanação total das práticas usuais da esquerda, inclusive das que surgiram ou ressurgiram em 2016, até mesmo o *cortège de tête*. Desta vez a luta deu as caras no outono, atravessando o duro inverno e chegando nas suas estações mais habituais. *Diferentemente do ciclo de 2016 e também de Junho 2013 no Brasil, o que eclodiu no outono francês dava sequência a uma crise governamental que vinha se arrastando desde mais ou menos um ano. Isto é, não foram os amarelos que desencadearam a crise do governo Macron, ela já estava lá, o que acontece é que eles entravam nessa brecha e agravaram as suas contradições de forma radical.* Ao contrário do *Nuit debout* os jovens estão, na sua maior parte, ausentes. A maior parte são adultos entre os seus 30 e 50 anos. Ocorrendo nos dias de sábado e tendo a *Champs Elysées* como palco principal os amarelos aparecem para os turistas. O *Nuit Debout* só ocupava a praça da República à noite, horário onde são poucos os turistas que passam. O colete amarelo não deve ser visto como uma identidade a priori – mas ela poderá depois ser construída. Ele é apenas um acessório obrigatório que deve estar presente em todo veículo que ganhou ares de fantasia carnavalesca com uma boa dose de irônica. Não é a toa que quando urbanas as manifestações dos *Gilets Jaunes* aparecem quase que como enormes e destrutivos desfiles pelas cidades. Nas ocupações dos round points, maior novidade do movimento, novas formas de vida parecem estar sendo imaginadas. Depois de muito tempo, ao menos por algumas semanas, a violência dos manifestantes foi tolerada por aqueles que não saem à rua ou aqueles que saíram mas não partem para a ação direta. A repressão atingiu graus ainda inéditos no país.

Não dá para prever o desfecho dessa peça que se desenrola em atos ao mesmo tempo contínuos, pois são sempre aos sábados, e descontínuos, pois há uma semana entre cada ato. O que se passa é que nesse explosivo tempo presente que esmaga o horizonte com um peso infernal sobre todos os indivíduos não há como projetar algo para além. O que resta é a ambiguidade da improvisação. Uma improvisação teatral na qual não está ainda claro o que se está representando. De fato este interregno temporal é vivido por todos como um pesadelo. O cineasta Philip Garrel, como todo grande artista, parece ter uma boa intuição

sobre o momento. No final de uma sessão de Les Amants réguliers, quando questionado para fazer uma comparação entre o momento atual e o Maio de 1968, o assunto do filme, ele veio com um diagnóstico de época: se antes era esperança (espoir), agora é desespero (désespoir).